

O Pharol: Auto-referenciação nas Edições Comemorativas de 1917 a 1921¹

Gislaine Milca dos SANTOS²

Andréa Cristiana SANTOS³

Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA

Resumo

Este artigo faz uma análise sobre *O Pharol*, jornal impresso que consolidou a imprensa petrolinense e foi significativo para a composição da imprensa no Vale do São Francisco. A finalidade é identificar o processo de auto-referenciação do periódico nas edições comemorativas publicadas no período de 1917 a 1921. De propriedade de João Ferreira Gomes, tipógrafo e redator, *O Pharol* circulou de 1915 até 1989. Foi feita uma análise historiográfica das práticas jornalísticas do jornal que produzia mediações a partir do contexto da modernização da imprensa e dos circuitos comunicativos com os quais dialogava. Verifica-se que o processo de construção da identidade jornalística está associado a uma função social que *O Pharol* exercia na comunidade petrolinense, associada ao processo de modernização da sociedade brasileira.

Palavras-chave: jornalismo; história do jornalismo; jornalismo impresso; *O Pharol*.

***O Pharol* na Imprensa de Petrolina (PE)**

Publicado pela primeira vez no dia 10 de setembro de 1915 em Petrolina, no Sertão de Pernambuco, *O Pharol* se apresentava como um órgão independente e noticioso e foi idealizado pelo então adolescente de 14 anos, João Ferreira Gomes. Também conhecido como Joãozinho do *Pharol*, João Ferreira já tinha experiência com a produção jornalística, quando, em setembro de 1914, junto com os colegas José Fernandes Coelho e Antonio de Souza, criou o *Correio da Infância*, jornal manuscrito

¹ Trabalho apresentado no II01 - Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 5 a 7 de julho de 2018.

² Estudante de graduação do 7º semestre do curso de Jornalismo em Múltiplos Meios da Universidade do Estado da Bahia, Campus III e bolsista de Iniciação Científica PICIN-Universidade do Estado da Bahia, e-mail: gislainemilca@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e professora do curso de Jornalismo em Múltiplos Meios pela Universidade do Estado da Bahia, campus III, Juazeiro, Bahia. e-mail: andesantos@uneb.br

semanal (CAVALCANTI; CORREA, 2008). Em *O Pharol*, Joãozinho atuava como redator, tipógrafo e impressor.

Embora tenha circulado por 74 anos, *O Pharol* não foi o pioneiro na imprensa petrolinense. De acordo com Padilha (1982), o primeiro jornal foi *O Trabalho*, publicado em 15 de novembro de 1912 pelo Cel. Clementino de Souza Barros. Em 1913, também circularia o quinzenário *O Comércio*, do tabelião João Batista de Aragão. No entanto, seria apenas com *O Pharol* que a imprensa petrolinense iria se consolidar.

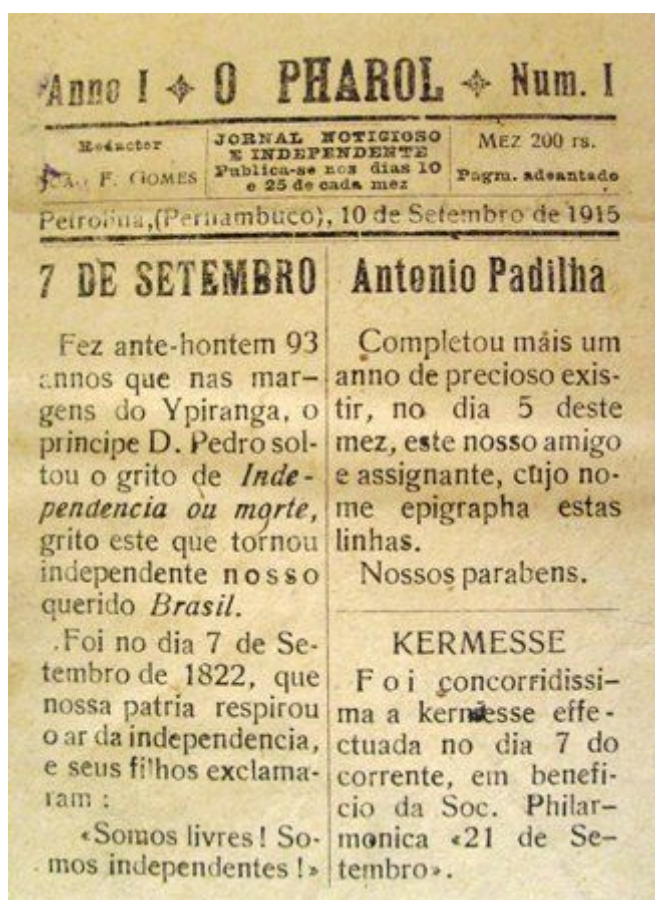


Figura 1: Primeira edição de *O Pharol*, 10 set. 1915, p.1

Com periodicidade quinzenal, *O Pharol* tinha tamanho de 15x10 centímetros, dividido em duas colunas, sendo a segunda dividida em duas partes. Na primeira edição, não tinha seções fixas, anúncios publicitários nem ilustração. No início, *O Pharol* era impresso nas oficinas da *Folha do São Francisco*, e editado em Juazeiro, por cerca de um ano.

No início do século XX, Petrolina tinha cerca de 5 mil habitantes, havia poucas casas, a igreja Matriz e a Rua do Grude, às margens do rio (CAVALCANTI; CORRÊA, 2008). Para uma cidade que crescia e começava a organizar o espaço público, o jornal nascia como instituição capaz de trazer as novidades advindas de um ideal de progresso. Aos 84 anos, Joãozinho rememorou o nascimento do jornal, quando se refere ao nome do impresso como capaz de conduzir o desenvolvimento: “colocamos o nome de ‘O Farol’ em nosso jornal, cujo objetivo é mostrar o caminho para o desenvolvimento do grande Vale, bem como os perigos que rondam as águas puras do rio. (CAVALCANTI; CORRÊA, 2008, p. 4).

Eram publicadas notícias locais, nacionais e internacionais a partir de seções fixas como: *Revista Mercantil* com preços gerais de gêneros alimentícios para consumo, como açúcar, feijão, arroz, farinha de trigo, e para exportação, como pele de bode, couro de boi; *Viajantes*, no qual noticiava quem estava chegando e saindo da cidade; *Solicitadas*, onde o leitor poderia enviar, receber e responder cartas para outros através do jornal; *Imprensa*; *Registro Social* com aniversariantes, enfermos, falecidos, nascimentos, visitantes e viajantes; *Notas & Factos* com acontecimentos gerais e regionais; *Grande Jury/Actos Judiciários*, *Factos Mundiaes* com acontecimentos de outros estados e países.

Ocasionalmente, seções deixavam de ser publicadas e davam lugar a outras, como a *Expediente* que apresentava o valor do jornal e publicações ou *Phenomenos da linguagem regional*, no qual foi publicado, por exemplo, um texto sobre expressões e frases que se enraizaram na linguagem falada e escrita, tomando várias formas dependendo da região, entre outras que foram surgindo ao longo dos anos. Também eram publicadas seções literárias, nas com poemas assinados. Já se identifica no jornal um processo de organização do texto em seções.

Destaca-se a *Imprensa*, com referência à comunidade jornalística e os laços de solidariedade entre os profissionais. Era comum a publicação de felicitações aos redatores ou donos de jornal, como José Martins Duarte, proprietário do *Correio do São Francisco*, da vizinha cidade, Juazeiro (BA), pelo 17º aniversário do seu jornal. Publicado no ano 1916, João Ferreira Gomes se referia ao confrade jornalista como

“denodado e valente confrade” que “labuta em prol dos interesses da zona sanfranciscana” (*O Pharol*, 30 nov. 1916, p. 2). Também há menção aos festejos do aniversário da “distinta collega” *Patria Bahiana*, publicado na “cultura cidade” Alagoinhas (BA) e cumprimentos ao Redactor-chefe Zeferino Galvão, pelo 18º aniversário de fundação da *Gazeta de Pesqueira* (de Pesqueira -PE), considerada “nossa bem redigida collega”, entre outros. Estas referências demonstram que havia um circuito comunicativo entre os homens de imprensa da região, com os quais poderiam interagir, compartilhando informações em comum e práticas jornalísticas.

Ao analisar *O Pharol* também percebemos um diálogo entre a imprensa local e nacional. No período que se refere a 1915-1920 foi possível encontrar também reprodução de notícias de jornais nacionais, como a reprodução de uma notícia do jornal *Estado de São Paulo*, a respeito da candidatura Ruy Barbosa à presidência da república (*O Pharol*, 27 jan. 1917, p. 1).

O Pharol também veiculava notícias que divulgavam as práticas culturais e a história cultural de Petrolina, como a referência ao grupo musical *Filhas de Mozart*, instrumental de cordas filiado à Sociedade Filarmônica 21 de Setembro, composto por senhoras da sociedade local e dirigido pelo maestro Eduardo Chagas. (*O Pharol*, 15 nov. 1916, p. 2), ou, ainda sobre o cinema na cidade. A exemplo, com título “Cinema Brazil”, os leitores ficam sabendo que no “no dia 25” funcionou o Cinema Brazil com a exibição de “vários ‘films’ que muito agradaram”. João Ferreira Gomes agradece pelos ingressos que ganhou dos proprietários, chama a atenção “dos conterrâneos” para a iniciativa, e ainda diz que é “o único ponto de diversão actualmente em nosso meio”, acompanhado de um “todos ao cinema!” (*O Pharol*, 30 nov. 1916, p. 2).

Algumas notícias locais se referiam a um controle social imposto à comunidade. Denunciava os sambas que aconteciam e estavam perturbando o silêncio da noite. Em 1920 foi publicada uma notícia que se refere à modernização do espaço urbano a partir da organização do passeio público, ordenamento e alargamento das ruas para facilitar o acesso dos transeuntes: “é antiestético para a cidade que quer ter as prerrogativas de civilizada, ter uns passeios baixos, outros altos, estreitos, largos, construídos de diversos

materiais. Pelos passeios, transitam os pedestres. São salas de visitas públicas [...]”. (*O Pharol*, 18 jul. 1920, p. 1).

Ocasionalmente, notícias de Juazeiro também eram publicadas, como um texto sobre projeto de lei que autoriza o governo do Estado da Bahia a fazer doações de terras devolutas ao Aprendizado Agrícola de Juazeiro (*O Pharol*, 05 out. 1920, p. 1), a realização da “Kermesse” em comemoração ao aniversário de inauguração do Hospital e Santa Casa da Misericórdia (*O Pharol*, 12 out. 1916, p. 2), casos de peste bubônica (*O Pharol*, 30 nov. 1916, p. 1), ou ainda, por exemplo, em “*O Pharol de Juazeiro*” notas sobre acontecimentos que envolviam a cidade como eleições municipais futuras, furtos, práticas culturais como a Sociedade Philarmonica 28 de setembro, considerada “instituição cultora da arte musical e que honra a vizinha cidade” (*O Pharol*, 5 out. 1920, p. 2).

O jornal se propunha a anunciar as novidades advindas da modernização da sociedade a partir das novas vias de integração das comunicações como a estrada de ferro e do telégrafo. Na edição de 17 de outubro de 1920, notícia, assinada por J. Avila, é sobre a viagem do governador do estado, José Bezerra, ao Rio de Janeiro, para tratar do prolongamento da estrada de ferro de Rio Branco à esta cidade, com o presidente da república, considerada “uma antiga aspiração dos pernambucanos que habitam essa larga faixa de terra”. Na edição de 12 de dezembro de 1920, o jornal reproduz trechos da entrevista concedida ao *O Imparcial*, do Rio de Janeiro, que discute o assunto. Na edição de 24 de dezembro do mesmo ano, assinada por J. Avila, repercute a entrevista e descreveu o acontecimento como “o primeiro passo para o futuro”, com salvas ao progresso e o incentivo ao comércio.

Até a data da criação do *Pharol*, 1915, poucas tinham sido as modificações no espaço físico da cidade algo que contradizia a realidade da vizinha Juazeiro que além da urbanização, já contava com espaços identificados como modernos como os destinados ao tratamento e cura de doentes, caso da Santa Casa de Misericórdia, fundada em 1885, e a educação formal exemplo da primeira escola pública municipal criada em 1896 [...]” (BRITO; LEAL, 2011, p. 7)

Veza ou outra, João Ferreira, quando se referia ao *Pharol* e à própria imprensa, dava a entender que compreendia a necessidade de empreender e trazer novidades

tecnológicas. Em carta direcionada ao leitor, o jornal anuncia a reforma dos tipos. Também apelava para que o leitor fizesse assinatura e quem fosse pudesse pagar as dívidas, pois o jornal se esforçava para difundir a imprensa na região. “A imprensa precisa do apoio do povo, e o povo da imprensa, para dizer o que pensa, o que sente, o que precisa e quer” (*O Pharol*, 8 fev. 1920, p. 1). O redator ainda afirmava que a imprensa assumia a função de ser “a encarnação do pensamento do povo “[...]. ela precisa viver para falar, para implantar os bons costumes, cultivar e desenvolver as letras, fazer guerra ao analfabetismo [...]” (*O Pharol*, 8 fev. 1920, p. 1).

A partir de textos como esse publicado pelo jornal, compreendemos que *O Pharol* se auto-referenciava como uma missão de ser um agente de modernização, ao trazer notícias que se referiam às mudanças culturais e práticas sociais. A imprensa se colocava na função de difundir as ideias de modernidade, mesmo que, algumas delas, fossem consideradas ordenadoras de um espaço público por vezes excludentes, como as matérias que denunciavam a necessidade de coibir os sambas noturnos.

Auto-referenciação nas Edições d’*O Pharol*

Se referindo à comunidade jornalística, a expressão auto-referenciação designa um processo em que os jornalistas falam “[...] sobre si [...], atribuindo sentido a si mesmos, argumentando a seu próprio favor e adotando estratégias discursivas que apontaram para o mundo deles.” (LOPES, 2007, p. 16). Não diferente do que acontece nas publicações de aniversário de revistas, programas de rádio ou Tv, este ato era comum nas edições comemorativas d’*O Pharol*. Como afirma Lopes (2007), o processo de auto-referenciação também é um ato discursivo que reafirma uma identidade a partir de um processo de elaboração de auto-imagem e de pertencimento à uma comunidade jornalística:

[...] Ao se auto-referenciarem, os jornalistas reforçam valores, constroem sua memória, apresentam-se à sociedade como detentores de um poder de fala, expõem características de seu trabalho que eles acreditam ser importantes, relembram fatos da memória coletiva envolvendo a categoria, colocam-se em oposição a outros grupos. (LOPES, 2007, p. 17)

Para a autora, ao publicar textos que se referem aos valores e às crenças defendidas pelo periódico, os proprietários e redatores reafirmam um lugar de luta política no sentido de afirmar um consenso sobre a identidade jornalística.

Letícia Matheus (2010, p. 21) assinala que as edições comemorativas, além de serem, “celebrações das empresas de comunicação e da imprensa enquanto instituição”, também se referem “aos profissionais que nela atuaram”. Esse discurso de auto-referenciação também afirma “um modo específico de jornalismo para o qual essas empresas se apresentam como emblema [e] trata[m]-se da afirmação de uma atividade social, neste caso, a forma jornalística de comunicação” (MATHEUS, 2010, p. 26). Assim como, podem ser momentos estratégicos em que as empresas promovem “a atualização de seu significado e, portanto, de seu lugar de fala” (MATHEUS, 2010, p. 33).

Para a autora, essas edições comemorativas cumprem algumas funções: de orientação, pois pretende “orientar o público sobre como o jornalista espera ser valorado e espera que se valore o jornalismo”; construção narrativa sobre si, pois “promovem um efeito narrativo de continuidade em relação à origem desses periódicos; e função da comemoração, referindo-se à “simbolização do jornal e do jornalismo num ritual de autoafirmação”. (MATHEUS, 2010, p. 20).

Para esta análise foram escolhidas as edições comemorativas que correspondem ao período de 1917, 1918, 1920 e 1921⁴. Nelas, além de comemorar mais um ano do jornal, João Ferreira apresenta aos leitores os ideais d’*O Pharol*, considerado “pequeno batalhador do jornalismo sertanejo” (*O Pharol*, 7 set. 1918, p. 1), define o papel da imprensa e exalta o trabalho que desempenhava junto com os colaboradores.

O primeiro registro que se tem de auto-referenciação em uma edição comemorativa d’*O Pharol* é de 07 de setembro de 1917, aniversário de dois anos do jornal.

⁴ Todas as edições usadas no projeto de pesquisa Tempo & História da Imprensa do Polo Juazeiro-BA e Petrolina-PE, orientado pela professora Dr.a Andrea Santos, do qual este artigo é resultado, foram encontradas no Museu do Sertão, em Petrolina e digitalizadas por Ana Clara Farias Brito, professora da Universidade de Pernambuco, Campus Petrolina. Muitas não foram encontradas, as edições comemorativas de 1916 e 1919 estão entre elas.

No texto, intitulado “‘O Pharol’ Seu segundo aniversário” e acompanhado de uma fotografia do proprietário, o redator torna evidente o sentimento de alegria e entusiasmo e que os dois anos que se passaram foram de muitas dificuldades e lutas “[...] em prol dos interesses *publicos* deste abençoado torrão pernambucano, banhado pelo S. Francisco” (O Pharol, 7 set. 1917, p. 1, grifo nosso).

João Ferreira Gomes manifestou disposição a estarem “sempre *promptos* para combater pelos interesses do povo e defender os seus direitos” (O Pharol, 7 set. 1917, p. 1, grifo nosso), que “somente desta maneira é que podemos cumprir o nosso dever de jornal Independente e Noticioso” (O Pharol, 7 set. 1917, p. 1, grifo nosso) e ainda acrescentou “trepidar diante dos *obstaculos*... recuar... jamais faremos... para a frente marcharemos! Avante!”. (O Pharol, 7 set. 1917, p. 1, grifo nosso).



Segunda edição comemorativa. O Pharol, 7 set. 1917, p. 1

Ainda de acordo com Lopes, (2007, p. 5), a auto-referenciação também é “uma estratégia privilegiada para a construção da identidade jornalística”. Esta explicação do conceito se aplica a mais um dos escritos Joãozinho d’*O Pharol*. Enquanto veículo de comunicação que tinha como função ser um jornal capaz de promover a cultura letrada da cidade, o proprietário d’*O Pharol* definia ele e a sua equipe como “[...] destemidos e fortes” (O Pharol, 7 set. 1917, p. 1).

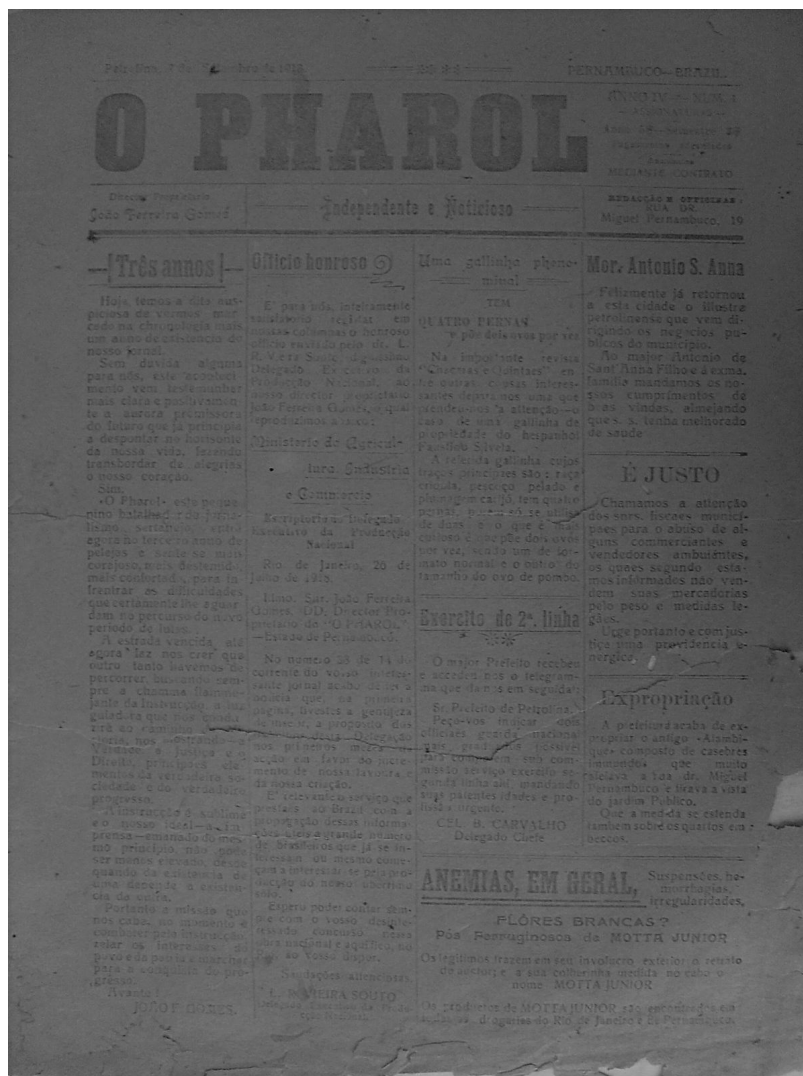
João Ferreira Gomes certamente tinha consciência da contribuição do seu jornal para o desenvolvimento da cidade e, portanto, descrevia a si e seus colaboradores como pessoas capazes de estimular o público leitor a fomentar pensamentos que aderissem aos ideais de modernização e desenvolvimento de Petrolina, e entendesse que era uma das missões do jornal. Além disso, por serem corajosos fariam de tudo para isto que isto, de fato acontecesse.

A nossa jornada sublime, esperando contar com o apoio, que nos tem dispensado os nossos *amáveis* leitores, *distinctos assignantes* e dignos *colaboradores*, pois somente assim *O Pharol* poderá *augmentar* a intensidade dos seus reflexos de luz e *expandilos* nas trevas da *ignorancia* dos deveres *patrioticos*, do analphabetismo, da politicagem vil e do desprezo dos que governam o destino do Estado e do Paiz, para o abandono em que vive os nossos sertões, merecedores de melhor sorte.” (O Pharol, 7 set. 1917, p. 1, grifo nosso)

Na edição comemorativa do terceiro aniversário do jornal, com o título “Três annos” e sem fotografias, o texto é assinado por João Ferreira Gomes. Mais uma vez, Joãozinho enfatiza o sentimento de mais um momento marcante d’*O Pharol* como instituição capaz de educar e orientar o leitor; defender os interesses coletivos e propagar o progresso.

O Pharol [...] agora no terceiro anno de pelepas [...] sente-se mais corajoso, mais destemido, mais confortado para *infrentar* as *difficuldades* que certamente lhe aguardam no percurso do novo periodo de lutas. [...] Outro tanto havemos de percorrer buscando sempre a *chamma flammejante* da Instrucção, a luz guiadora que nos conduzirá ao caminho, [...] nos mostrando a Verdade, a Justiça e o Direito, *principaes* elementos da verdadeira sociedade e do verdadeiro progresso. A instrucção é sublime e o nosso ideal - a imprensa - emanado do mesmo *principio* não pode ser menos elevado, desde quando da *existencia* de uma depende a *existencia* da outra. [...] A missão que nos cabe no momento é combater pela instrucção, zelar os

interesses do povo e da *patria* e marchar para a conquista do progresso. Avante! (O Pharol, 7 set. 1918, p. 1, grifo nosso)



Terceira edição comemorativa. O Pharol, 7 set. 1918, p. 1

Lopes (2007, p. 5) define ainda que o processo de auto-referenciação é tido como “lugar propício para os sujeitos elaborarem uma auto-imagem, reforçarem valores, mobilizarem representações, organizarem sua memória, recuperando lembranças [...], interagirem como outros grupos negociando autoridade; enfim, construir sua identidade.” O que João Ferreira Gomes o faz, seja lembrando dos anos que passaram, do quão difícil foi chegar na data de comemoração, ou até ao dialogar com os leitores d’*O Pharol*.

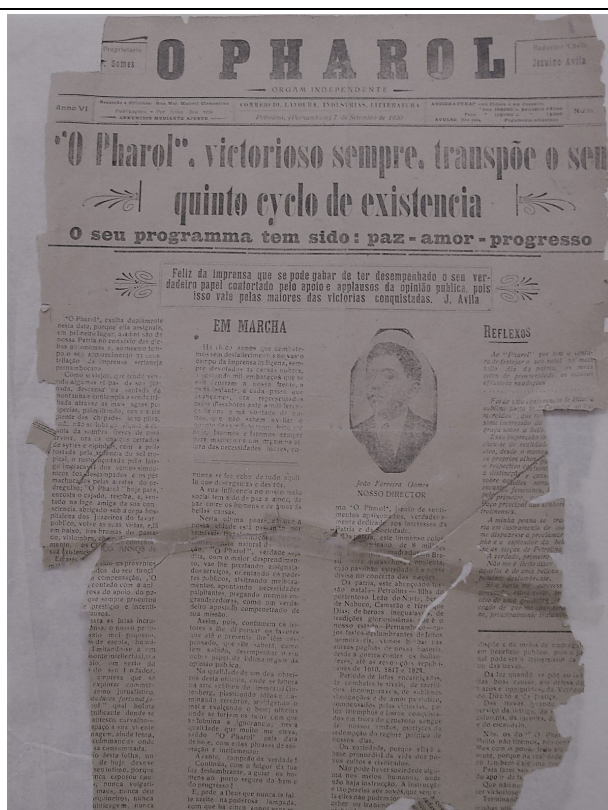
Em 1920, quinto aniversário do jornal, com o título “O Pharol, victorioso sempre, transpõe o seu quinto *cyclo* de existência. O seu programma tem sido:

paz-amor-progresso”, acompanhado de uma foto de João Ferreira Gomes. Também faz um discurso de celebração do periódico como órgão que tem conquistado o reconhecimento da comunidade, mesmo que não discrimine o número de leitores. “[...] pode gabar de ter desempenhado o seu verdadeiro papel confortado pelo apoio e *applausos* da opinião *publica*, pois isso vale pelas maiores das *victorias* conquistadas.” (O Pharol, 7 set. 1920, p. 1, grifo nosso), da autoria de J. Avilla, redator-chefe d’O *Pharol* na época.

Nesta edição⁵, publicada no dia da Independência do Brasil, é demonstrado o contentamento tanto pelo que o dia representava para o país, quanto pelo aparecimento d’O *Pharol* na “*constelação* da imprensa sertaneja pernambucana.” (O Pharol, 7 set. 1920, p. 1, grifo nosso). Além disso, mais uma vez é reforçada a capacidade que têm de contribuir para as transformações que Petrolina estava passando na época, ao constar que O *Pharol* “[...] com o maior desprendimento, vai lhe prestando *assignatados* serviços, orientando os poderes públicos, alvitando melhoramentos, apontando necessidades palpitantes, pregando normas engrandecedoras, como um verdadeiro *apostolo* compenetrado de sua missão.” (O Pharol, 7 set. 1920, p. 1, grifo nosso). E, ainda, como um grito e incentivo, “Avante, campeão da verdade! Continua com o fulgor da tua luz deslumbrante, a guiar os homens ao porto seguro do bem e do progresso!” (O Pharol, 7 set. 1920, p. 1).

Ainda, mais uma vez, fica clara a dificuldade que foi chegarem a mais uma data comemorativa, ao escreverem que “sempre devotados às causas nobres” se deparavam, a cada instante, com embaraços “representados pelos dissabores ante a indiferença de uns e má vontade de outros, que não sabem avaliar o sacrifício feito até hoje” e reforçam que estavam sempre em prol da população. (O Pharol, 7 set. 1920, p. 1). “Há cinco anos [...] verdadeiramente dedicado aos interesses da Pátria e da Sociedade. Da *Patria*, este abençoado torrão natal - Petrolina [...]. Da sociedade, porque *ella* é base primordial da vida dos povos cultos e civilizados. (O Pharol, 7 set. 1920, p. 1, grifo nosso).

⁵ Edição faltando algumas partes (deteriorado pelo tempo, supõe-se), o que impossibilitou a leitura do texto completo.



Quinta edição comemorativa. O Pharol, 7 set. 1920, p. 1

Na edição comemorativa do sexto aniversário, intitulado “SEIS ANOS”, o texto, assinado por J. Ferreira Gomes, é acompanhado da fotografia da primeira edição com a legenda “O *Pharol*, fundado a 7, só circulou pela primeira vez a 10 de Setembro de 1915, porque nesse tempo não tinha *officinas proprias*. (O *Pharol*, 7 set. 1921, p. 1, grifo nosso). Nela, *O Pharol*, é tido como “sementesinha atirada ao seio da terra adusta e pedregosa das regiões inóspitas do sertão pernambucano” que “tantas vezes fôra cultivada com verdadeiro devotamento e que não resistira às asperezas do solo, aos rigores do tempo, às intempéries das estações”, estava cheia de vida, “germinou, nasceu, cresceu e floresce” (O *Pharol*, 7 set. 1921, p. 1). Ao mesmo tempo, é definido que

a imprensa é a boa semente, e os frutos da gigantesca árvore de Guttenberg é o alimento dos povos *civilizados*. Razão porque devemos cultivá-la em todos os climas, em todas as partes: quer nos meios *adeantados* e cultos, quer nos pequenos, *atrazados* e obscuros - porque *ella* é a mensageira do pensamento humano em suas múltiplas formas e expressões. [...] Hoje mais do que nunca, amado leitor, “O *Pharol*” precisa do vosso apoio, pois, se nasceu, se existiu *n’outras* épocas, se existe actualmente, deve a sua existência a vós, ao vosso generoso concurso e particularmente aos que laboram nesta pequena tenda [...]. (O *Pharol*, 7 set. 1921, p. 1, grifo nosso)



Sexta edição comemorativa. O Pharol, 7 set. 1921, p. 1

Considerações Finais

Ao propor uma análise das edições comemorativas d'*O Pharol*, procuramos investigar de que forma um jornal que circulou por tanto tempo em Petrolina se definia enquanto parte de uma comunidade jornalística que era fortalecida tanto pelos colegas tipógrafos da época, quanto pelos leitores e assinantes que a cada aniversário do jornal, lia nas suas páginas como João Ferreira Gomes gostaria que ele, seu jornal e todas as pessoas que faziam parte da equipe comemorassem de ser valorados, lembrados.

Verificamos que, ao mesmo tempo em que, naquela época, *O Pharol* era responsável por difundir ideais de modernização, tanto ao anunciar novidades como as impressoras adquiridas e mudança da tipografia do jornal, e veicular notícias que demonstravam que a Petrolina estava em fase de desenvolvimento e constante avanço, nas edições comemorativas João Ferreira Gomes deixava claro para os leitores qual o seu papel enquanto produtor de notícias, que lutava em prol dos interesses e direitos da

população, o que, certamente, engajava o público leitor e assinante e, principalmente, que, sem recuar, era o que ele continuaria fazendo. Para cumprir com o seu objetivo, contava com o pagamento e apoio do povo.

Referências bibliográficas

BRITO, A. C. F.; LEAL, Y. G. S. B. Jornal Pharol: Apontamentos para a Modernização em Petrolina 1915-1920. In: **II Ecovale- Econtro de Comunicação do Vale do São Francisco**, 2011, Juazeiro. Anais do II Ecovale, 2011. Disponível em:
<<https://www.revistas.uneb.br/index.php/anaisecovale/article/view/1141/787>> Acesso em: 14 mai. 2018.

CAVALCANTI, Nomeriana; CÔRREA, Jean. **O Pharol: tempo, imagem e memória**. Trabalho de Conclusão de Curso. Comunicação Social: Jornalismo em Multimeios. Universidade do Estado da Bahia, 2008. CD-Rom.

LOPES, Fernanda Lima. **Auto-referenciação e construção da identidade jornalística**. 2007. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2007. Disponível em:
<http://www.ufrgs.br/infotec/teses07-08/resumo_7354.html> Acesso: em 12 mai. 2018.

MATHEUS, Leticia Cantarela. **Comunicação, tempo, história: tecendo o cotidiano em fios jornalísticos**. 2010. Tese (Doutorado em comunicação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em:
<<https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/4029/1/Leticia%20Cantarela%20Matheus%20tese%20Comunicacao%202010.pdf>> Acesso em: 02 mar. 2018.

PADILHA, Antônio de Santana. **Petrolina no tempo, no espaço, na vez**. Recife: FIAM/Centro de Estudos de História Municipal, 1982.

jornais consultados

O PHAROL. Petrolina, ano 1, n. 1, 10 set. 1915.

O PHAROL. Petrolina, ano 2, n. 3, 12 out. 1916.

O PHAROL. Petrolina, ano 2, n. 5, 15 nov. 1916.

O PHAROL. Petrolina, ano 2, n. 6, 30 nov. 1916.

O PHAROL. Petrolina, ano 2, n. 9, 27 jan. 1917.

O PHAROL. Petrolina, ano 3, n. 1, 07 set. 1917.

O PHAROL. Petrolina, ano 4, n. 1, 07 set. 1918.

O PHAROL. Petrolina, ano 5, n. 19, 8 fev. 1920.

O PHAROL. Petrolina, ano 5, n. 39, 18 jul. 1920.

O PHAROL. Petrolina, ano 6, n. 1, 07 set. 1920.

O PHAROL. Petrolina, ano 6, n. 4, 05 out. 1920.

O PHAROL. Petrolina, ano 6, n. 5, 17 out. 1920.

O PHAROL. Petrolina, ano 6, n 11, 12 dez. 1920.

O PHAROL. Petrolina, ano 6, n 12, 24 dez. 1920.

O PHAROL. Petrolina, ano 7, n. 1, 07 set. 1921.